

INFLUÊNCIA DA NASALIZAÇÃO DE VOGAIS NA PRONÚNCIA DO MANAUARA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA JAPONESA¹

INFLUENCE OF VOCALICS NASALIZATION ON THE PRONUNCIATION OF THE MANAUARA IN THE JAPANESE LANGUAGE TEACHING PROCESS

Sarah Micaia Benevides Figueira²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o fenômeno da nasalização do manauara na pronúncia da língua japonesa, com foco na variável fonológica e fonética, considerando se estes podem se tornar um obstáculo na aquisição da língua. Através de pesquisa bibliográfica, coleta de dados, da aplicação de questionário e entrevistas gravadas com alunos do curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, procurou-se compreender em que ocasiões estas variáveis se realizam na pronúncia de língua japone-

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the phenomenon of the manauara nasalization in the pronunciation of the Japanese language, focusing on the phonological and phonetic variable, considering if they can become an obstacle in language acquisition. Through bibliographic research, data collection, questionnaire application and recorded interviews with students of the Languages – Japanese Language and Literature major of the Federal University of Amazonas (UFAM), we tried to understand when the manauara speaker realizes these variables in the pronunciation of the Japanese language.

¹ Artigo elaborado a partir da pesquisa PIBIC/PAIC 2018-2019 da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a orientação da professora Ruchia Uchigasaki.

² Graduanda de Língua e Literatura Japonesa da UFAM.

sa pelo falante manauara. Para isto, foram consideradas as vertentes intralinguísticas e extralinguísticas, utilizando o software Praat para análise de sons. A partir dos resultados obtidos, se chegou à conclusão de que os participantes manauaras possuem tendência a nasalizar vogais sucedidas de consoante nasal quando em posição de sílaba tônica, de formas que a produção deste fenômeno pode gerar equívocos quanto à compreensão do significado de determinadas palavras.

Palavras-chave: Ensino de Língua Japonesa. Nasalização. Manaus.

Introdução

No processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE), o professor tem o importante papel de mediador do conhecimento. É sua função auxiliar no desenvolvimento de todas as habilidades na língua alvo do discente. Para que este auxílio seja efetivo, o indivíduo, assumindo o papel de professor, deve ter todas suas habilidades bem desenvolvidas.

Na Língua Japonesa (LJ), língua morálica³, cada letra tem um som distinto e de mesma duração. Em contrapartida, na Língua Portuguesa (LP), a duração de uma letra ou sílaba não se mostra necessária. Essa diferença dificulta a aprendizagem do estudante de LJ ao ter o primeiro contato com a língua.

A pronúncia do brasileiro e, conseqüentemente, do amazonense, é natural a nasalização de vogais antecedentes a uma consoante nasal⁴. Nesse sentido, é salutar analisar essa

For this, we considered the intralinguistic and extralinguistic aspects, using Praat software for sound analysis. From the obtained results, it was concluded that the Manauaras participants have a tendency to nasalize successful nasal consonant vowels when in a stressed syllable position, so that the production of this phenomenon can generate misunderstandings regarding the understanding of the meaning of certain words.

Keywords: Japanese Language Teaching. Nasalization. Manaus.

³ Unidade de som utilizada na fonologia para determinar o peso silábico, ou seja, a duração dos segmentos fônicos que compõem uma sílaba. Fuchs (1996, p. 50) comenta que os japoneses não conseguem desvincular a escrita da fonética, de forma que alguns pesquisadores se referem a mora como sendo “um som equivalente a uma letra de *kana*”.

⁴ Na fala do manauara, há uma especificidade que pode ou não comprometer a internalização da pronúncia de LJ, a nasalização. Como exemplo, são apresentadas as palavras banana [bãñãna], canil [kãñiw], entre outras. Isto, porém não interfere no significado da palavra (Barbosa, 1995). Enquanto na LJ, essa nasalização é considerada uma mora, interferindo no significado de uma palavra, como podemos observar nas palavras “*nani*”/na.ni/ (o que) e “*nannin*” /naNniN/ (quantas pessoas) (Joko, 2012).

diferença e a maneira como é trabalhada na formação de profissionais da área. É de interesse também analisar como o som nasalizado está sendo pronunciado.

Como professor de LE em formação, é importante exercitar a pronúncia na língua alvo, pois não somente ganha credibilidade, mas também auxilia na compreensão oral. Para isso, entender as divergências não só entre línguas diferentes, mas entre variações linguísticas dentro de uma mesma língua, é algo que deve ser colocado em pauta no ensino superior.

Nessa perspectiva, este artigo investiga e analisa a influência do fenômeno de nasalização na fala do manauara no aprendizado da língua japonesa e no ambiente de formação de professores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Além disso, cria uma tabela fonética das línguas japonesa e portuguesa, concebendo um parâmetro de comparação. Em seguida, foca-se nas vogais do português falado em Manaus: quais nasalizam, como nasalizam e qual o contexto.

Em relação a influência da língua materna na fala de um estudante de LE, Nascimento (2017) explica que há uma transferência da língua materna para a LE, que pode ou não ser benéfica. Quando essa transferência da língua materna atrapalha na aprendizagem, ocorre o que se chama de interferência. Nesse sentido, Paluma afirma que a interferência “é causada diretamente pela Língua Materna quando o aprendiz utiliza a Língua Estrangeira” (PALUMA, 2009, p. 2).

Nesse caminho, o estudo sobre nasalização de vogais no português brasileiro (doravante PB) é consideravelmente amplo. Quanto ao processo de reprodução de vogais nasais, Medeiros; Demolin (2006) explicam que, do ponto de vista articulatório, tem como característica o abaixamento do véu palatino, fazendo assim com que o ar saindo dos pulmões não somente seja expelido pela cavidade oral, como também pela nasal. É importante considerar sua complexidade, pois há diferentes graus de nasalidade que variam de acordo com o grau de abaixamento do véu palatino. Já no ponto de vista acústico, as vogais nasais são resultado do convívio de ressonâncias e não-ressonâncias que influenciam na energia de soltura do ar.

No PB, as ressonâncias nasais não possuem um padrão nas vogais, justamente pelo fato dos diferentes graus de abaixamento do véu palatino. Além disso, “no PB, o Fn1, formante nasal, apresenta grande energia e é constante ao longo da vogal” (MEDEIROS; DEMOLIN, 2006, p. 133). Utilizando imagem por ressonância magnética (IRM), percebe-se que há uma diferença entre a vogal nasal e a correspondente oral, o que leva a acreditar que essa mudança na pronúncia de uma vogal nasal seja uma tentativa de compensar e produzir a qualidade vocálica desejada, embora não se possa afirmar ainda.

A nasalização é dividida em duas áreas: fonética e fonológica. No contexto fonológico, ocorre por função do próprio fonema como em mata [mata] e manta [mãta]. Já no contexto

fonético, a vogal nasaliza ao entrar em contato com a consoante nasal da sílaba seguinte, não resultando em uma outra palavra, como na palavra Manaus, que pode ser pronunciada, no aspecto da nasalização, [mã.na.ws] ou [ma.na.ws]. Este segundo é considerado um fenômeno variável (BOTELHO, 2007). O autor chega à conclusão de que, ao ocorrer mudança fonêmica em um vocábulo, por conseguinte de um som nasal, o fenômeno é chamado de nasalização, ao passo que o fenômeno nasal variável recebe o título de nasalidade. Porém, Mendonça; Oliveira Jr.; e Costa (2017), referem-se a esses fenômenos, respectivamente, como nasalização contrastiva ou fonêmica, e nasalização automática ou fonética. Para o artigo, adotou-se o segundo título para melhor compreensão do leitor.

Ainda se tratando de Botelho (2007), conclui-se que as vogais do PB possuem sete fonemas orais tônicos, cinco orais átonos e cinco fonemas vocálicos nasais, relevando se são realizações átonas ou tônicas, pois são de natureza fonética e não fonológica.

Para isso, Martins (2018), usando como materiais os *softwares Praat e GoldVarb X*, analisou a pronúncia de vogais nasais no português de Manaus em diferentes naturezas. A autora utilizou duas vertentes para análise de dados: intrassistêmica, análise do ponto de vista linguístico e acústico, e extrassistêmica, análise do ponto de vista da influência dos processos sociais pelo qual o indivíduo passa.

A autora, a partir de sua análise intrassistêmica, chega à conclusão de que, no português manauara, as vogais em sílabas tônicas ou subtônicas tendem a nasalizar, enquanto as vogais que não se encontram na situação anterior ou posterior possuem tendência a não nasalizar. Quanto a análise extrassistêmica, a autora constata que:

- 1) Os homens apresentam maior tendência em realizar a variável dependente pela forma da nasalização.
- 2) A realização da variável dependente pela forma da nasalização é um fenômeno mais frequente entre os mais velhos, pertencentes à segunda faixa etária.
- 3) A realização variável é associada a uma concepção menos prestigiada de uso do PB, ou menos associada ao padrão de escolarização mais baixo. Aspecto corroborado pela variável gênero, uma vez que as mulheres são mais conservadoras e mais associadas aos padrões formais de uso da língua e aplicam a nasalização com menor frequência. (MARTINS, 2018, p. 91).

Quanto a nasalização de vogais na língua japonesa, Joko (2012) afirma que é fonológica e marcada pelo arquifonema /N/. Essa nasalização corresponde a uma mora. Na variante de Tóquio pode aparecer um nasal silábico em início de palavras, como exemplo, a palavra “*uma*” [mma], cavalo em japonês.

A partir das ideias mencionadas, se levanta a hipótese de que a nasalização automática de vogais no português de Manaus possa interferir fonologicamente na pronúncia e com-

preensão auditiva de língua japonesa, por haver diferenças de graus de nasalização e duração no processo entre as duas línguas, que, conseqüentemente, podem gerar uma interferência na aquisição de língua japonesa.

Metodologia

A investigação se desenvolveu por meio de pesquisa foi a bibliográfica, aplicação de questionário e entrevistas gravadas com os alunos do curso de língua japonesa da UFAM, levando-se em consideração quatro situações: alunos que estão iniciando o aprendizado da língua na disciplina de Introdução de Língua Japonesa; alunos que estão matriculados na Língua Japonesa IV e VI; alunos que estão matriculados na Língua Japonesa VIII⁵ (última disciplina de Língua Japonesa) e alunos que fizeram intercâmbio em universidades do Japão ou que visitaram ou moraram no país.

O questionário aplicado obteve algumas informações dos participantes e a entrevista gravada serviu para verificação da pronúncia em língua japonesa. Na análise das entrevistas, o *software Praat* foi utilizado como auxílio na determinação de ocorrência de nasalização, pois somente a audição do pesquisador não era suficiente para a confirmação.

Para a entrevista, foram selecionadas quinze palavras em japonês para que os alunos pudessem pronunciar dentro de frases pré-estabelecidas: as primeiras seis com o fonema /N/ para que fosse analisada como são pronunciadas as vogais nasalizadas; e as nove seguintes sem o fonema /N/, mas com vogais precedidas de consoantes nasais, para análise da nasalização automática.

Inicialmente, se procurou somente apresentar as palavras para que os participantes criassem frases e pronunciassem. No entanto, por não ser o objetivo desta pesquisa analisar a capacidade dos participantes de elaborar frases e sim a pronúncia de língua japonesa, se optou pela preparação de frases. Cada frase foi gravada e analisada individualmente, utilizando para comparação gravações das mesmas frases por um falante nativo de japonês⁶.

As palavras do grupo 1 (TABELA 7) foram analisadas sob diferentes circunstâncias intralinguísticas. Nas palavras do primeiro grupo foram consideradas as seguintes questões: 1.a) participantes que não pronunciaram a nasal; 1.b) participantes que sonorizaram os sons posteriores ou anteriores as nasais; 1.c) participantes que nasalizaram o som /eN/ como [ẽĩN] e 1.d) participantes que pronunciaram o som nasal de duração curta, como em /ã/ /ẽ/ /ĩ/ /õ/ e /ũ/.

⁵ Considerou-se estas quatro primeiras disciplinas por serem as ofertadas no período 2019/1.

⁶ Uma nativa, professora de língua japonesa.

Ao analisar as palavras do grupo 2 (TABELA 8), se observou as questões subsequentes: 2.a) ocorrência de prolongamento das vogais na nasalização; 2.b) participantes que nasalizaram a vogal /i/ como núcleo de sílaba em início de palavra 2.c) participantes que, ao nasalizar, colocaram maior intensidade na sílaba, tornando-a tônica e 2.d) participantes que não pronunciaram nasal.

Quanto as circunstâncias extralinguísticas, além dos pontos selecionados por Martins (2018), considerado também o período escolar, o tempo de estudo de língua japonesa dos participantes, independentemente do período no qual se encontravam, e as oportunidades para conversação e compreensão auditiva que possuíam fora de sala de aula. Além desses pontos, também foi levado em consideração a variável da leitura, influenciando assim na naturalidade com a qual os alunos pronunciavam.

Foram analisados vinte e sete questionários e entrevistas⁷ divididas da seguinte maneira: seis alunos de Introdução à Língua Japonesa; seis alunos de Língua Japonesa IV, cinco alunos de Língua Japonesa VI, cinco alunos de Língua Japonesa VIII e seis alunos que já visitaram ou fizeram intercâmbio no Japão. Finalizada a análise de dados, os resultados foram organizados utilizando como base as situações mencionadas acima e as informações coletadas através do questionário e quantificados através do programa Excel.

Resultados e discussão

A análise e discussão dos dados obtidos estão divididas em quatro seções: a primeira refere-se aos sons da língua japonesa; a segunda sendo dividida em duas subseções: uma para tratar acerca dos sons da língua japonesa e a outra sobre os sons do português; a terceira para discutir a influência das vogais nasais da língua portuguesa, especificamente das variantes de Manaus, na pronúncia de língua japonesa; E a quarta para análise e discussão de dados a partir da coleta.

Os sons da língua japonesa

Primeiramente, deve-se entender que a língua japonesa possui diversas variações dialetais que causa até mesmo dificuldades no entendimento entre indivíduos de regiões dife-

⁷ O número de participantes foi quarenta e um. No entanto, analisou-se somente vinte e oito entrevistas, por se tratar de uma grande quantidade de frases e pessoas.

rentes. Shibatani cita, como exemplo, que determinados falantes da ilha central de Honshu não conseguem entender o dialeto falado em Kagoshima (ilha no Sul de Kyūshū). Para que houvesse uma comunicação entre falantes de diferentes dialetos, o governo japonês definiu uma língua padrão, o *hyōjun-go*, que possui como modelo o dialeto falado em Tóquio (SHIBATANI apud FUCHS, 1996, p. 36).

Outro ponto a ser considerado, é a estreita relação entre os sons da língua japonesa com a escrita, pois foi um país inicialmente ágrafo, adotando a escrita chinesa a partir de 300 d.C. Essa escrita foi simplificada gerando *kanji* (ideograma) e dois alfabetos fonográficos: *hiragana* e *katakana*, nos quais cada letra corresponde a um som específico dentro da língua.

Como visto anteriormente, os sons da língua japonesa possuem o mesmo tempo de duração, determinado como mora, fazendo com que esta seja classificada como uma língua de base morálica. Dentro desse sistema, é na altura que se faz um contraste na pronúncia entre moras, ou seja, a mora acentuada dentro de uma palavra é marcada pela altura melódica, sendo a duração e a intensidade iguais para cada mora. Porém, na língua japonesa, “a diferença tonal existe apenas para diferenciar a sílaba acentuada das demais, pois esta diferença é relevante para o significado da palavra” (FUCHS, 1996, p. 55). Como exemplo, temos as palavras “ponte” e “pauzinhos japoneses”, ambas pronunciadas “hashi” [haɰi], porém na primeira a mora acentuada é *shi*, enquanto na segunda a mora *ba* é mais alta.

Consoantes

A seguir, serão apresentados os sons que constituem a língua japonesa, seja como fonema ou variante, utilizando os símbolos Alfabeto Fonético Internacional (IPA). As consoantes da língua japonesa, segundo as pesquisas de Magnuson (1998) e Fuchs (1996), são:

Som	Classificação	Exemplo
[p]	Oclusiva bilabial surda	caixa de correio “ <i>posuto</i> ” – [posuto]
[b]	Oclusiva bilabial sonora	chapéu “ <i>bōshi</i> ” – [bo:ɸi]
[k]	Oclusiva velar surda	mala “ <i>kaban</i> ” – [kaban]
[g]	Oclusiva velar sonora	cinco pessoas “ <i>gonin</i> ” – [gonin]
[t]	Oclusiva dental surda	caro “ <i>takai</i> ” – [takai]
[d]	Oclusiva dental sonora	telefone “ <i>denwa</i> ” – [denwa]
[ʔ]*	Oclusiva glotal surda	escola “ <i>gakkō</i> ” – [gaʔko:]

[ɸ]*	Fricativa bilabial surda	inconveniente “ <i>fuben</i> ” [ɸubɛɴ]
[s]	Fricativa alveolar surda	céu “ <i>sora</i> ” – [sora]
[z]	Fricativa alveolar sonora	mapa “ <i>chizu</i> ” – [tʃizɯ]
[ʃ]*	Fricativa alveopalatal surda	sal “ <i>shio</i> ” – [ʃio]
[ç]*	Fricativa palatal surda	cem “ <i>hyaku</i> ” – [çjakɯ]
[h]	Fricativa glotal surda	bandeira “ <i>hata</i> ” – [hata]
[ts]*	Africada alveolar surda	esposa “ <i>tsuma</i> ” – [tsuma]
[dʒ]*	Africada alveolar sonora	continuar “ <i>tsuzuku</i> ” – [tswɔ̃zɯkɯ]
[tʃ]*	Africada alveopalatal surda	metrô “ <i>chikatetsu</i> ” – [tʃikatetsɯ]
[dʒ̃]*	Africada alveopalatal sonora	bicicleta “ <i>jitensha</i> ” – [dʒ̃itenʃa]
[w]*	Aproximante labiovelar sonora	rio “ <i>kawa</i> ” – [kawa]
[l]*	Aproximante lateral sonora	seis “ <i>roku</i> ” – [loku]
[r]	Tepe alveolar sonora	coração “ <i>kokoro</i> ” – [kokoro]
[m]*	Nasal bilabial sonora	vila “ <i>mura</i> ” – [mura] final do livro “ <i>kanmatsu</i> ” [kam.ma.tsu]
[n]	Nasal alveolar sonora	dormir “ <i>neru</i> ” – [neru] todos “ <i>minna</i> ” [min.na]
[ɲ]	Nasal alveopalatal sonora	jardim “ <i>niwa</i> ” – [niwa] importação “ <i>yunyū</i> ” – [juɲɲju:]
[ŋ]	Nasal velar sonora	chave “ <i>kagi</i> ” – [kaɲi] cultura “ <i>bunka</i> ” – [buɲ.ka]
[ɴ]	Nasal uvular sonora	livro “ <i>hon</i> ” – [hon]

Fonte: Classificação de Fuchs (1996) e Joko (1987), e exemplificação de Figueira (2019).

Na língua japonesa há um fenômeno, de cunho fonológico, em que uma consoante não nasal é seguida de consoantes geminadas, deixando um “tempo vazio” entre uma sílaba e outra. Esse “tempo vazio” tem a duração de uma mora e é marcado pelo símbolo /Q/. Como exemplo, Fuchs (1996) utiliza a palavra “como esperado” [ja. pa.ɾi]. Quanto a consoante nasal que finaliza uma sílaba, como em “fácil” [kantɒɴ], é marcada pelo arquifonema /N/⁸.

Joko (1987) classifica as consoantes do japonês a partir do alfabeto de fonogramas *hiragana*, chegando a conclusão de que são: /p, t, k, b, d, g, s, z, h, m, n, r, Q, N/, separando as variações de acordo com o contexto. Quanto a isso, chegou-se ao resultado de que os sons sinalizados com o símbolo * são variantes nos seguintes contextos:

⁸ Esse arquifonema é marcado, na escrita japonesa, pela letra [ん] no alfabeto *hiragana*, e [ン] no *katakana*.

- a. O som [ʔ] é variante dialetal pertencente ao *Satsugū Hōgen*⁹ do fonema /Q/;
- b. O som [ϕ] é variante conjugal do fonema /h/, sendo realizado com a vogal não arredondada [u];
- c. O som [ç] é variante conjugal do fonema /h/, sendo realizado com a vogal [i];
- d. O som [ʃ] é variante conjugal do fonema /s/, sendo realizado com a vogal [i], podendo também ser realizado, com valor fonológico, com as vogais [a], [o] e [u] quando precedidas de [j];
- e. O som [ʈ] é variante conjugal do fonema /t/, sendo realizado com a vogal não arredondada [u];
- f. O som [ʧ] é variante conjugal do fonema /t/, sendo realizado com a vogal [i], podendo também ser realizado, com valor fonológico, com as vogais [a], [o] e [u] quando precedidas de [j];
- g. O som [ɖ] é variante conjugal do fonema /d/, sendo realizado com a vogal não arredondada [u];
- h. O som [ɖʒ] é variante conjugal do fonema /d/, sendo realizado com a vogal [i], podendo também ser realizado, com valor fonológico, com as vogais [a], [o] e [u] quando precedidas de [j];
- i. O som [w] é realizado com a vogal [a], com valor fonológico;
- j. O som [r] é uma variante livre do fonema /r/;
- k. O som [m] é realizado em final de sílaba como variante do fonema /N/ precedendo as consoantes [m], [p] e [b];
- l. O som [n] é realizado em final de sílaba como variante do fonema /N/ precedendo qualquer consoante que não seja exceção;
- m. O som [ɲ] é variante conjugal do fonema /N/, sendo realizado com a vogal [i] e semivogal [j];
- n. O som [ŋ] possui duas realizações: como variante livre do fonema /g/; e em final de sílaba como variante do fonema /N/ precedendo as consoantes [k] e [g];
- o. O som [ŋ] é realizado como variante do fonema /N/ sempre em final de palavra.

Embora na escrita tenham sido adaptadas letras para que estrangeiros pudessem escrever seu nome em japonês, o som [v] não constitui um fonema na língua japonesa, geralmente sendo pronunciado [b]. O mesmo ocorre com os sons [f], [s] antes de [i], [t] antes de [i], [z] antes de [i], [d] antes de [u] e [t] antes de [u].

Nota-se que as consoantes do japonês são fixas e bem diferenciadas enquanto fonemas, sofrendo algumas variações, seja conjugal, dialetal ou livre. No entanto, não foram

⁹ *Satsugū Hōgen* (薩隅方言), refere-se ao conjunto de dialetos das províncias da ilha Kagoshima.

apresentadas todas as variantes de fonemas consonantais, por se tratar de um assunto muito extenso e ainda em discussão.

Vogais

Segue abaixo as vogais da língua japonesa, de acordo com a língua padrão:

Som	Classificação	Exemplo
[i]	Anterior alta não-arredondada oral	existir “ <i>iru</i> ” – [iru]
[e]	Anterior média-alta não-arredondada oral	estação (trem, ônibus) “ <i>eki</i> ” – [eki]
[ɛ]*	Anterior média-baixa não-arredondada oral	transmitir “ <i>tsutaeru</i> ” – [tsutaɛru]
[a]	Central baixa não-arredondada oral	outono “ <i>aki</i> ” – [aki]
[ɯ]*	Central alta arredondada oral	neve “ <i>yuki</i> ” – [juki]
[u]*	Posterior alta não-arredondada oral	sapato “ <i>kutsu</i> ” – [kutsu]
[o]	Posterior média-alta arredondada oral	colocar “ <i>oku</i> ” – [oku]
[j]*	Aproximante palatal sonora	noite “ <i>yoru</i> ” – [joru]

Fonte: Classificação de Fuchs (1996) e Joko (1987), e exemplificação de Figueira (2019)

Quanto aos sons marcados com *, chegou-se a seguinte conclusão:

- a. O som [ɛ] é variante livre do fonema /e/;
- b. O som [j] é realizado como uma semivogal, com valor fonológico, geralmente seguido das vogais [a], [o] e [u];
- c. O som [u] é variante dialetal do fonema /u/ pertencente às regiões do Oeste do Japão;
- d. O som [ɯ] é variante dialetal do fonema /u/ pertencente às regiões do Leste do Japão e, por conseguinte, pertencente ao dialeto padrão.

Compreende-se também que as vogais na língua japonesa possuem uma diferença fonológica no que se diz a duração, por exemplo, as palavras tio “*ojisan*” [ojisaɴ] e avô “*ojisan*” [oji:saɴ], citadas por Joko (2012, p. 180), se distinguem pela pronúncia da vogal /i/, que é dobrada na segunda palavra. Esse prolongamento é marcado pelo arquifonema /R/.

Há, porém, duas variantes: a vogal /e/ seguida de /i/ e a vogal /o/ seguida de /u/, que podem prolongar o som precedente ou pronunciar cada vogal separadamente. O

que determina se o prolongamento ocorrerá ou não, é de ordem morfológica ou lexical. As palavras *kango*¹⁰ geralmente prolongam, enquanto as palavras *wago*¹¹ tendem a assimilar essa diferenciação de cada vogal. A autora utiliza as palavras “rei” e “perseguir” como exemplo: ambas são escritas “*ou*”, porém a primeira (*kango*) se pronuncia [o:] e a segunda (*wago*), [ou̯].

Quanto as vogais nasais, há uma diferença fonológica marcada pelo arquifonema /N/. Essa nasalização contrastiva, ao ocorrer em final de palavra, geralmente assume o valor da consoante nasal velar [ŋ] ou é marcado pelo prolongamento nasal da vogal oral anterior, por exemplo: livro “*hon*” pode ser [hon] ou [ho̯] (FUCHS, 1996, p. 49).

As vogais da língua japonesa, no que se diz a língua padrão, são cinco: /a, i, u, e, o/. Em determinados dialetos são marcadas mais vogais, porém, por essa diferença dialetal no Japão não ser o objeto desta pesquisa, não será feita uma análise mais aprofundada no assunto. Não foi levado em consideração apresentar as vogais nasais como sons, mas sim como fenômenos de nasalização, por não haver discussões suficientes sobre o assunto para que se chegue a um ultimato.

Os sons da língua portuguesa

A língua portuguesa, diferentemente da língua japonesa, é classificada como de ritmo acentual. Isto pois a duração individual de cada sílaba dentro de uma palavra ocorre em função da ocorrência das sílabas acentuadas (tônicas). Ou seja, a sílaba acentuada possui duração, altura e intensidade diferentes das demais (CAGLIARI, 1981, p. 156). Além disto, a língua portuguesa possui sílabas tônicas secundárias e sílabas átonas, enquanto na língua japonesa uma palavra possui somente uma vogal acentuada. A relação entre a acentuação primária, secundária e ausência de acentuação constrói o ritmo da fala, não tendo, no entanto, o valor primordial de diferenciar significados como na língua japonesa. Procura-se esclarecer também que na língua portuguesa não há uma ligação estreita entre a escrita e a fala, como exemplo, a palavra “mais” que, embora termine com a consoante s, é pronunciada [ma̯z] ou [maɪz] quando precede uma palavra com som sonoro no início, num fenômeno chamado assimilação (CAGLIARI, 1981, p. 115).

¹⁰ Kango (漢語), são vocábulos de origem chinesa assimilados pelos japoneses.

¹¹ Wago (和語), vocábulos genuinamente japoneses.

Consoantes

Abaixo, segue a tabela de sons que constituem consoantes no português brasileiro, conforme Silva (2001):

Som	Classificação	Exemplo
[p]	Oclusiva bilabial surda	pata – [patə]
[b]	Oclusiva bilabial sonora	bola – [bolə]
[k]	Oclusiva velar surda	cama – [kəma]
[g]*	Oclusiva velar sonora	gato – [ga.tu]
[t]*	Oclusiva dental surda	tato – [tatu]
[d]	Oclusiva dental sonora	dado – [dadu]
[f]	Fricativa labiodental surda	faca – [fakə]
[v]	Fricativa labiodental sonora	vaca – [vakə]
[s]*	Fricativa alveolar surda	céu – [sɐu] saia – [sajə]
[z]	Fricativa alveolar sonora	casa – [kazə]
[ʃ]*	Fricativa alveopalatal surda	chá – [ʃa] xícara – [ʃikara]
[ʒ]	Fricativa alveopalatal sonora	haja – [aʒa]
[X]*	Fricativa velar surda	rata – [Xatə] carta – [kaXtə]
[χ]*	Fricativa velar sonora	carga – [kaxga]
[h]*	Fricativa glotal surda	marra – [maha] rato – [hatu]
[ɦ]*	Fricativa glotal sonora	carga – [kaɦga]
[tʃ]*	Africada alveopalatal surda	tia – [tʃiə]
[dʒ]*	Africada alveopalatal sonora	dia – [dʒiə]
[m]	Nasal bilabial sonora	maca – [makə]
[n]	Nasal alveolar sonora	nada – [nadə]
[ɲ] ou [ɣ̃]*	Nasal alveopalatal sonora	manhã – [mɐ̃ɲɐ̃] manhã – [mɐ̃yɐ̃]
[ɾ]	Tepe alveolar sonora	cara – [karə]
[ʀ]*	Vibrante alveolar sonora	rata – [ʀatə]
[ɹ]*	Retroflexa alveolar sonora	mar – [maɹ]

[l]	Lateral alveolar sonora	lata – [latɐ]
[ɫ] ou [w]*	Lateral alveolar sonora velarizada	salsa – [saɫsɐ] salsa – [sawɐ]
[ʎ] ou [lj]*	Lateral palatal sonora	calha – [kaʎɐ] calha – [kaljɐ]

Fonte: Classificação de Silva (2001) e exemplificação de Figueira (2019).

Os fonemas propriamente ditos da língua portuguesa são: /p, b, k, g, t, d, f, v, s, z, ʃ, ʒ, m, n, ɲ, ɾ, R, l, ʎ / . A autora apresenta as variantes da seguinte forma:

- a. O fonema /g/, quando produzido antes das vogais /e/ e /i/, é realizado como [ʒ];
- b. O som [ɫ] é variante dialetal do fonema /t/, realizado antes da vogal [i] em alguns estados do Nordeste do Brasil e em Portugal;
- c. O som [d] é variante dialetal do arquifonema /d/, realizado antes da vogal [i] em alguns estados do Nordeste do Brasil e em Portugal;
- d. O som [s] é variante dialetal do fonema /s/ em final de sílaba em algumas regiões do Brasil;
- e. O som [ʃ] é variante dialetal do fonema /s/ em final de sílaba em algumas regiões do Brasil, presente na fala amazonense;
- f. O som [X] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no dialeto carioca sob as seguintes condições: em início de palavra, final de palavra, final de sílaba seguido de consoante surda;
- g. O som [ɣ] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no dialeto carioca sob a seguinte condição: final de sílaba seguido de consoante sonora;
- h. O som [h] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no dialeto de Belo Horizonte sob as seguintes condições: em início de palavra, final de palavra, final de sílaba seguido de consoante surda;
- i. O som [ɦ] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no dialeto de Belo Horizonte sob a seguinte condição: final de sílaba seguido de consoante sonora;
- j. O som [ʝ] é variante dialetal do arquifonema /t/, realizado antes da vogal [i] e semivogal [j] na região do Sudeste e em alguns estados do Norte do Brasil;
- k. O som [dʒ] é variante dialetal do arquifonema /d/, realizado antes da vogal [i] e semivogal [j] na região do Sudeste e em alguns estados do Norte do Brasil;
- l. O fonema /ɲ/ geralmente ocorre em maioria como [ɲ̃], sendo [ɲ] menos comum;
- m. O som [r̃] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no português europeu e em certos dialetos do português paulista sob as seguintes condições: em início de palavra, final de sílaba ou palavra;

- n. O som [ɹ] é variante dialetal do arquifonema /R/, realizado no português caipira sob as seguintes condições: final de palavra;
- o. O fonema /l/ em final de sílaba ocorre tanto como [w], quanto como [ɹ], sendo as duas variantes livres;
- p. O fonema /ʎ/ geralmente ocorre em maioria como [ɹɹ], sendo [ɹɹ] menos comum;

Cagliari (1981) também apresenta o fenômeno de similitude, presente na língua portuguesa. Assim como na assimilação, ocorre uma mudança fonética ocasionada pelos outros sons que o acompanham. O que diferencia a similitude da assimilação é que a primeira ocorre no interior da palavra, enquanto a segunda ocorre no início ou final de palavra, sendo influenciada pelos sons externos. Outra característica da similitude é que esta mudança pode ou não ocorrer sem influenciar no sentido da palavra. Como exemplo, o autor apresenta a palavra *musgo*, que pode ser pronunciada tanto [muzgɔ] quanto [musgɔ], sem que seu sentido seja alterado.

As consoantes do português podem seguir outra consoante dentro de um vocábulo, fenômeno que recebe o nome de “encontro consonantal”. Há um valor fonológico quanto a isso, como exemplifica Fuchs (1996) com as palavras *clave*: *crave*. No japonês, esse fenômeno não ocorre, sendo acrescentadas vogais entre cada consoante na tentativa de pronunciar.

No português falado em Manaus é comum o uso das africadas sonora e surda antes da vogal [i], como em *tio* [tʃiɔ] e *dia* [dʒiɐ]. As variantes [ɹ], [w] e [ɹ] também são comuns na fala amazonense. Quanto aos fonemas /R/ e /s/ em final de sílaba, são mais presentes, respectivamente, as variantes [X] (antes de consoante surda e em final de palavra), [ɹ] (antes de consoante sonora) e [ɹ].

Como pode ser observado acima, há muitas variantes dialetais no português brasileiro no que se diz as consoantes. No entanto, como esta pesquisa procura analisar o português falado em Manaus, não foi feita uma discussão aprofundada sobre as variantes não pertencentes ao português de outras localidades externas ao Brasil.

Vogais

Na tabela a seguir, serão apresentados os sons que consistem vogais na língua portuguesa:

Tabela 4: Vogais da Língua Portuguesa

Som	Classificação	Exemplo
[i]	Anterior alta não-arredondada oral	ilha – [ilʲɐ]
[e]	Anterior média-alta não-arredondada oral	escola – [eskɔla]
[ɛ]	Anterior média-baixa não-arredondada oral	ela – [ɛla]
[a]	Central baixa não-arredondada oral	sala – [salɐ]
[ɔ]	Posterior média-baixa arredondada oral	moto – [mɔtɔ]
[o]	Posterior média-alta arredondada oral	olho – [olʲɔ]
[u]	Posterior alta arredondada oral	uva – [uvɐ]
[ĩ]	Anterior alta não-arredondada nasal	limpo – [lʲĩpɔ]
[ẽ]*	Anterior média-alta não-arredondada nasal	menta – [mẽtɐ]
[ẽ̃]*	Central média-baixa não-arredondada nasal	manga – [mãgɐ]
[õ]*	Posterior média-alta arredondada nasal	ônibus – [ônibus]
[ũ]	Posterior alta arredondada nasal	umbigo – [ũbigɔ]
[ɨ]*	Anterior alta não-arredondada frouxa	fome – [fɔmɨ]
[ɐ̃]*	Central média-baixa não arredondada frouxa	gata – [gatɐ̃]
[ɔ̃]*	Posterior alta arredondada frouxa	carro – [kaXɔ̃]

Fonte: Classificação de Silva (2001) e exemplificação de Figueira (2019)

Os fonemas vocálicos da língua portuguesa, segundo Silva (1996), são sete: /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. Quanto as vogais marcadas com o símbolo *, chegou-se a seguinte conclusão:

- a. O som [ẽ] corresponde a vogal nasal do fonema /e/, sendo que a correspondente nasal para a vogal anterior média-baixa não-arredondada [ɛ] somente ocorre em sílabas átonas;
- b. O som [ẽ̃] corresponde a vogal nasal do fonema /a/, pois a altura da língua durante a articulação da vogal nasal é média-baixa e não baixa.
- c. O som [õ] corresponde a vogal nasal do fonema /o/, sendo que a correspondente nasal para a vogal posterior média-baixa arredondada [ɔ], somente ocorre em sílabas átonas;
- d. O som [ɨ] ocorre sob duas condições: como o fonema /i/ em posição de sílaba átona, e como o fonema /e/ em posição átona em final de palavra;
- e. O som [ɐ̃] corresponde ao fonema /a/ em posição de sílaba átona, em final de palavra;
- f. O som [ɔ̃] ocorre sob duas condições: como fonema /u/ em posição de sílaba átona, e como o fonema /o/ em posição átona em final de palavra;

Como pode ser observado acima, a língua portuguesa, em comparação com a língua japonesa, possui dois fonemas vocálicos a mais, ambos médio-baixos orais. Porém, esse sistema completo de vogais somente funciona em posição de sílaba tônica (CALLOU; LEITE, 1990, p. 77, apud FUCHS, 1996, p. 59). Tratando-se de vogais átonas, o número reduz para três: [ɪ], [ɐ], [ʊ]. Cagliari (1981) contesta essa afirmação, argumentando que, dependendo do dialeto, é possível que a distribuição varie. Como exemplo, o autor utiliza a palavra “cafezinho”, na qual há dois acentos rítmicos, ca e zi, de maneira que a vogal [ɛ] assuma a posição de vogal átona.

Outro fenômeno presente na língua portuguesa falada no Brasil é o alçamento, no qual vogais média-altas em posição pretônicas ou postônicas se projetam para vogais mais altas, como /e/ para [i] e /o/ para [u]. Sobre isto, Garcia (2017, p. 5) explana que ocorre independente da consoante entre as vogais. Percebe-se este alçamento em palavras como “menino” [minĩnu] e “coruja” [curuʒɐ]. Este fenômeno é comum na fala do amazonense, principalmente antes das consoantes [ʃ] e [dʒ].

Quanto aos ditongos, Cagliari nos apresenta como a ocorrência de duas vogais na mesma sílaba (CAGLIARI, 1981, p. 55). Consequentemente, a ocorrência de três fonemas vocálicos dentro de uma sílaba é chamada de tritongo. O autor chama atenção para a diferença entre um ditongo e um hiato, sendo este último o encontro entre duas vogais que não pertencem a mesma sílaba, gerando uma pausa entre uma vogal e outra. No ditongo, a língua produz um movimento contínuo, seguindo de uma articulação de uma vogal para a outra, mantendo a qualidade do som vocálico.

As vogais nasais no português de Manaus e sua influência na pronúncia de japonês: a nasalização

A nasalização, como já apresentado anteriormente, possui dois pontos de análise: articulatorio e acústico. Do ponto de vista articulatorio, Martins (2018) explana que a produção de sons nasais ocorre no abaixamento do véu palatino, assim expelindo o ar através das cavidades oral e nasal simultaneamente. Cagliari (1977) explica da seguinte maneira o véu palatino:

O véu é uma estrutura muscular que se estende a partir do osso palatino para trás até alcançar horizontalmente a parede faríngea. Ele isola as cavidades oral e faríngea da nasofaringe. Constitui a parte posterior do céu da boca e o chão da nasofaringe. O véu tem uma superfície interior côncava, mesmo quando elevado. (CAGLIARI, 1977, p. 87)

Esse autor explica que o movimento que o véu palatino faz não é vertical, mas sim diagonal. Quanto abaixado, o formato do palato mole é semelhante a uma banana, enquanto levantado parece um pé humano virado para baixo, sendo que a parte correspondente ao calcanhar aperta a parede faríngea, fechando a passagem de ar nasal (CAGLIARI, 1981, p. 72). Dependendo da posição na qual o véu está abaixado, é possível se obter diferentes graus de nasalização, ou seja, diferença na qualidade do som nasal produzido.

Do ponto de vista acústico, as vogais nasais são resultado do convívio de ressonâncias e não-ressonâncias que influenciam nos picos de energia de soltura do ar, gerando sons orais e nasais. Esses picos de energia, dentro de uma região do espectro sonoro, são chamados de formantes. Na produção de sons vocálicos, são considerados dois formantes: F1 e F2. O F1 refere-se à altura da língua, enquanto F2 corresponde à anterioridade e posterioridade da língua. Essas ressonâncias e não-ressonâncias, na produção de sons nasais, tendem a causar uma maior duração e menor energia nos formantes 1 de vogais baixas (MEDEIROS, 2006, p. 133).

A nasalização na língua japonesa

Na língua japonesa, a nasalização de vogais de cunho fonológico se dá pela presença de sons nasais em final de sílaba representados pelo arquifonema /N/. Essa consoante passou a ser um fonema ainda no período Heian, sendo, antes disso, uma variante livre do som *nu*. A nasal moráica na língua japonesa também pode resultar da desvocalização de uma sílaba iniciada com consoante nasal. Como exemplo, temos as palavras “*konô*” e “*monô*”, que podem se pronunciadas “*kon*” e “*mon*” (JOKO, 2012, p. 183).

Há, porém, nasalização automática de vogais. Joko (1987) esclarece que há uma leve nasalização nas vogais, como variante livre, antes das consoantes nasais /m/ e /n/. No entanto, ao pronunciar essas vogais, o falante japonês não aplica tanta força e prolongamento na duração quanto nas vogais fonologicamente nasalizadas. Percebe-se então que a vogal acompanhada do arquifonema /N/ possui a duração de duas moras, enquanto as demais vogais, independente da nasalização automática, permanecem com uma mora de duração. Como exemplo, temos as palavras “*nani*” /nani/ (o que) e “*nannin*” /naNniN/ (quantas pessoas). Na primeira palavra, embora haja uma nasalização da primeira sílaba, a duração não é maior, enquanto na segunda, a duração da sílaba é dobrada.

Outro ponto tratado por Joko (2012) é a pronúncia da vogal /u/ em início de palavras monossílabas (com duas moras). Na variante oral de Tóquio, pode ser pronunciado um nasal

silábico como nas palavras “*uma*”, [mma], e “*ume*”, [mme]. Embora estas palavras ainda possuam a contagem de duas moras, essa pronúncia é regular no ensino de língua japonesa em diversos países estrangeiros, por se tratar do dialeto padrão.

A nasalização na língua portuguesa

As vogais orais da língua portuguesa possuem, em sua maioria, uma correspondente nasal. Cagliari chega à conclusão de que, em sílabas tônicas ou átonas, todas as vogais, exceto [ɛ], [a], [ɔ], podem nasalizar. Embora os sons [ɛ] e [ɔ] possam ocorrer em sílabas tônicas, é comum na fala da maioria das pessoas que não ocorram. Em sílabas átonas, o autor afirma que há uma variação frequente entre os sons [ɛ̃] e [ĩ] e entre [õ] e [ũ]. Como exemplo da última ocorrência, o autor utiliza as palavras “enseada”, que pode ser pronunciada tanto [ẽseada] quanto [ĩseada], e “comprido”, podendo ser dito [kõpridõ] quanto [kũpridũ]. Essas vogais nasais, no português, podem ser marcadas pela presença de uma vogal nasal em seguida, ou pelo sinal diacrítico (~) (CAGLIARI, 1981, pp. 75-76).

Quanto aos ditongos nasalizados, geralmente ocorrem com término vocálico em [ĩ] ou [ũ], ou início vocálico em [ũ], podendo ocorrer ou não sem uma consoante nasal em seguida. Ditongos que ocorrem em início de palavra e seguidos de nasais variam entre a oralidade e nasalidade, como em “reino” – [Xeĩnõ] ou [Xeĩnũ] (CAGLIARI, 1981, pp. 76-77). Já os tritongos nasalizados ocorrem bem menos que monotongos e ditongos. Em início de palavra não há ocorrência de nasalização, sendo possível ocorrer somente dois tipos de tritongos nasalizados: [ũĩũ] e [ũõẽ], sendo esses dois representam o singular e plural de algumas palavras, como saguão [saguũũ], no plural saguões [saguũõẽ]. Cagliari acrescenta que os ditongos e tritongos iniciados com a nasal de /u/ podem variar entre a nasalidade parcial ou total (CAGLIARI, 1981, p. 79).

A nasalização fonética (ou automática) no português manauara

Existem poucos estudos sobre nasalização de vogais na fala manauara, por se tratar de um assunto relativamente recente em destaque. Sobre isso, Barbosa afirma que são poucos os casos nos quais não ocorrem nasalização de vogais na fala manauara, não fazendo um estudo muito aprofundado no assunto (BARBOSA, 1995, p. 99).

Já Martins (2018) conclui em seu trabalho “A nasalização variável de vogais na fala ma-nauara”, no que se diz aos fatores intrassistêmicos, que a nasalização de vogais tem tendência a ocorrer em sílaba tônica seguida de consoante nasal. Em início de palavra é relativamente menor a ocorrência, se comparada com sílabas tônicas em meio de palavra, como segue abaixo:

Contexto fonológico	Percentual de ocorrência	
	Nasalizada	Não nasalizada
Sílaba tônica em início na palavra	73,78%	26,32%
Sílaba tônica intermediária na palavra	86,29%	13,71%

Fonte: (MARTINS, 2018, p. 77)

Já em sílabas átonas, é recorrente a não nasalização de vogais de acordo com as seguintes situações:

Contexto fonológico	Percentual de ocorrência	
	Nasalizada	Não nasalizada
Sílaba pretônica	21,51%	78,49%
Sílaba postônica	19,43%	80,57%
Sílaba subtônica	52,72%	47,28%

Fonte: (MARTINS, 2018, p. 79)

Percebe-se que sílabas em posição pretônica tendem a nasalizar mais do que sílabas postônicas. Já em sílabas subtônicas o número de ocorrências varia bastante, mesmo tendo uma pequena tendência a nasalizar.

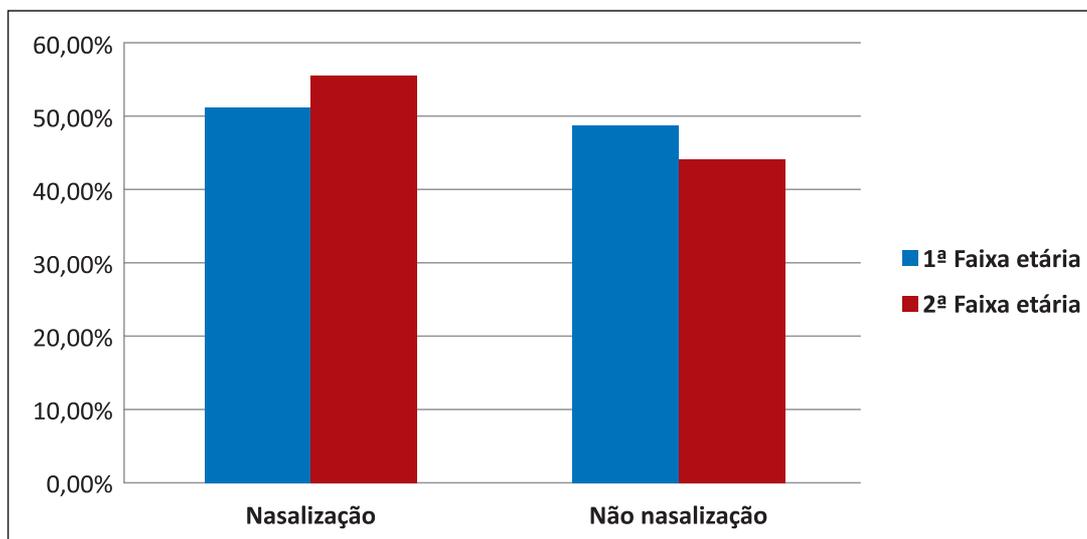
Outro aspecto analisado pela autora foi em torno da vogal [i] na posição de núcleo em sílabas no início de palavras. Quanto a isto, chegou-se à conclusão de que os seguintes fatores influenciam para a nasalização de vogais: “a juntura com consoantes laterais e vibrantes, a harmonia nasal, a monomorfia dos prefixos latinos indicadores de negação e a lexicalização” (MARTINS, 2018, p. 91).

Quanto aos fatores extrassistêmicos, a autora considerou as variáveis de gênero, grau de escolaridade e faixa etária. Quanto a primeira variável, concluiu-se que as mulheres possuem menos tendência a nasalizar, não sendo, no entanto, um resultado indiscutível. Quanto

ao grau de escolaridade, a autora discute que o número de pessoas sem algum grau de instrução é baixo, passando então a considerar os seguintes aspectos para análise: como baixa/média escolaridade considera-se sem formação superior completa; e como alta escolaridade entende-se o indivíduo que possui ensino superior completo. O resultado alcançado foi de que o fenômeno de nasalização é mais comum ao falante de escolarização baixa.

No que se diz a variável de faixa etária, a autora separa em dois aspectos: 1) falantes entre 18 e 45 anos; 2) e falantes entre 46 em diante. Chegou-se ao resultado de que a realização de nasalização de vogais é mais frequente entre os mais velhos, como é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 1: A variável dependente em função da faixa-etária dos falantes



Fonte: MARTINS, 2018, p. 87

Considerando os pontos mencionados acima, espera-se compreender, através da coleta de dados das entrevistas gravadas com estudantes de língua japonesa da Universidade Federal do Amazonas, se esta nasalização fonética do falante manauara é presente e perceptível na pronúncia de língua japonesa. Esta pesquisa não procura, no entanto, considerar tão profundamente os fatores extrassistêmicos para análise, por haver um padrão tanto na faixa etária quanto na escolaridade dos estudantes.

Análise de dados

Para a coleta de dados foram consideradas quinze palavras, divididas em dois grupos: palavras com /N/ de valor fonológico e palavras sem /N/ para análise de nasalização automática. São estas:

Tabela 7: Grupo I	
Japonês	Significado
みんな – “ <i>min’na</i> ”	Todos, todo mundo
にんげん – “ <i>ningen</i> ”	Humano
うんてんしゅ – “ <i>untenshu</i> ”	Motorista
おんがく – “ <i>ongaku</i> ”	Música
なんにん – “ <i>nan’nin</i> ”	Quantas pessoas
まんなか – “ <i>man’naka</i> ”	Centro

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Tabela 8: Grupo II	
Japonês	Significado
かみ – “ <i>kami</i> ”	Cabelo
あたま – “ <i>atama</i> ”	Cabeça
うめ – “ <i>ume</i> ”	Ameixa
ひらがな – “ <i>hiragana</i> ”	Alfabeto fonográfico <i>hiragana</i>
いま – “ <i>ima</i> ”	Agora
おもい – “ <i>omoi</i> ”	Pesado
なまえ – “ <i>namae</i> ”	Nome
みなさん – “ <i>mina-san</i> ”	Todos, todo mundo (forma de tratamento)
なに – “ <i>nani</i> ”	O que

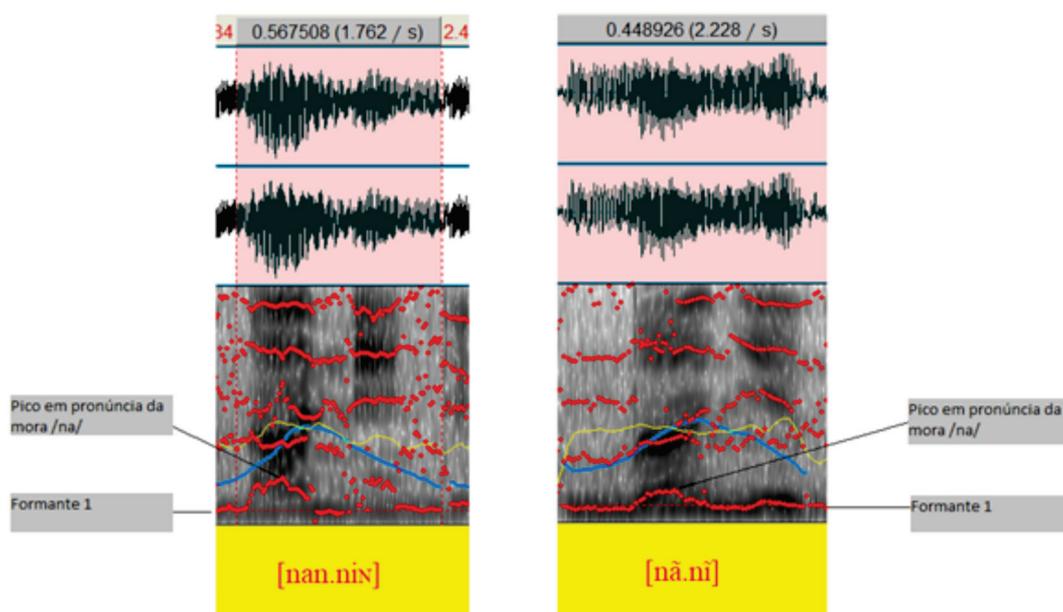
Fonte: FIGUEIRA, 2019

Para coleta de dados, as palavras acima foram postas dentro de frases também pré-estabelecidas para que os participantes as lessem em voz alta. Cada frase foi gravada e analisada separadamente através do programa *Praat*. As palavras do primeiro grupo possuem a presença da letra ん/N/, utilizada para nasalização fonológica de palavras. Selecionou-se uma palavra para cada vogal da língua japonesa, de maneira que fosse possível analisar a pronúncia de cada uma. Para as palavras do segundo grupo considerou-se os pontos encontrados por Martins (2018), como a posição e tonicidade das moras.

Realizada a coleta de dados, procedeu-se à análise da matéria sonora coletada. Conclui-se com o fenômeno variável anteposto, se esperava ser realizável o registro da ocorrência de duas formas variantes para os dois grupos: Vogal realizada com nasal longa e vogal realizada com nasal curta.

No entanto, a análise de dados revelou o contexto de diferentes níveis de nasalização semelhantes aos defendidos por Cagliari, de que a “Nasalidade é essencialmente um problema de qualidade auditiva que se reconhece num som e que pode ser produzida de várias maneiras” (CAGLIARI, 1981, p. 74). Assim, o resultado obtido é que as vogais das palavras selecionadas pronunciadas pelos participantes nativos de Manaus possuem diferentes graus de nasalidade e duração, de forma que possam influenciar no valor fonológico das palavras, como pode ser observado no exemplo a seguir, na pronúncia da palavra “*nannin*” (quantas pessoas), sendo a primeira representação (à esquerda) correspondente a pronúncia de um nativo do Japão e a segunda (à direita) de um dos participantes nascido em Manaus:

Figura 1: Comparativo entre pronúncia da palavra “*nannin*” com presença de consoante nasal /N/ e vogal sem nasal longa



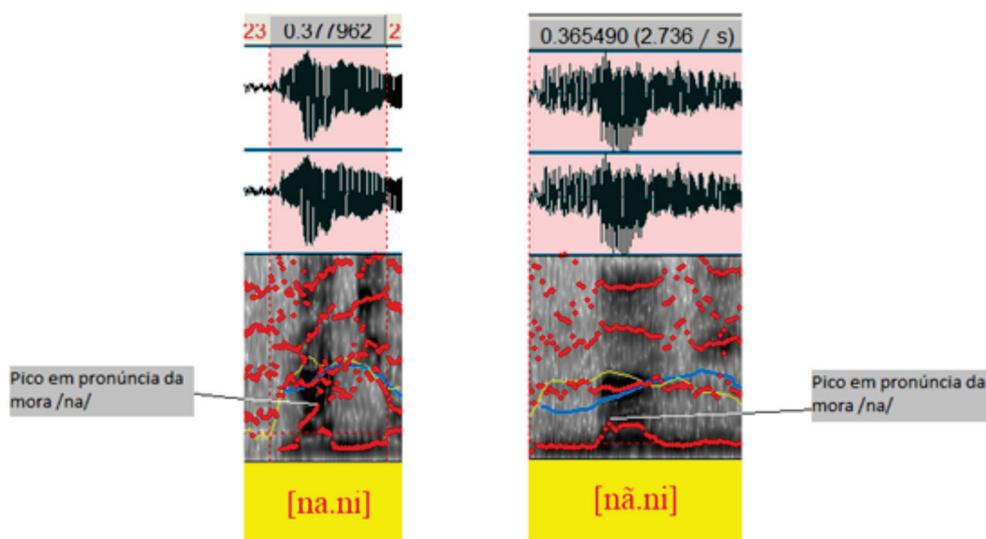
Fonte: FIGUEIRA, 2019 – Imagem gerada através do software Praat

Ao lado esquerdo da imagem, têm-se as vogais /a/ e /i/ realizadas com a presença da consoante nasal /N/, de modo que apresenta uma maior duração, além de um pico alto no formante 1 no momento de pronunciar a vogal e uma cor cinza mais clara. Já na repre-

sentação espectrográfica mais à direita da imagem é perceptível uma diferença de altura no formante 1, assim como uma menor duração das moras e um tom de cinza mais escuro, sugerindo uma maior força na cavidade oral e conseqüentemente realizado sem um grande auxílio da cavidade nasal.

Já no exemplo a seguir, pode ser observada a análise da pronúncia da palavra “*nani*” (o que) por um nativo do Japão, à esquerda, e por um dos participantes nascido em Manaus, à direita:

Figura 2: Comparativo entre palavra “*nani*” com vogal não nasal e vogal com nasal curta



Fonte: FIGUEIRA, 2019 – Imagem gerada através do *software Praat*

Na representação espectrográfica à esquerda da imagem, têm-se as vogais /a/ e /i/ realizadas com a ausência da consoante nasal /N/, de modo que apresenta um pico no momento de pronunciar a vogal /a/ e uma cor cinza mais escura, indicando pronúncia sem auxílio da cavidade nasal. Já na representação mais à direita é perceptível uma ausência de pico de altura no formante 1, assim como uma maior duração da consoante nasal /n/ inicial e um tom de cinza mais claro, sugerindo uma menor na cavidade oral e conseqüentemente realizada com auxílio da cavidade nasal.

O mapeamento gerou condições para que fosse realizada a quantificação de dados, de modo a demonstrar se os grupos de fatores elencados são ou não relevantes para a realização da nasalização variável. Será feita na próxima subseção um levantamento dos dados de acor-

do com as variáveis intralinguísticas e extralinguísticas.

Para melhor desenvolvimento das tabelas e gráficos a seguir, adotou-se o seguinte sistema de siglas: G1 (grupo 1) designando a disciplina de Introdução à Língua Japonesa; G2 para Língua Japonesa IV; G3 para Língua Japonesa VI; G4 para Língua Japonesa VIII; e G5 para designar os participantes que visitaram, moraram ou fizeram intercâmbio no Japão.

A influência das variáveis intralinguísticas

Aponta-se aqui que na pronúncia de vogais nasalizadas de palavras da língua japonesa por parte dos falantes manauaras ocorreu um padrão de pronúncia quanto a extensão da nasal na vogal. Na pronúncia do falante de português manauara, as vogais possuem característica nasal em toda sua extensão, como apontaram Medeiros; e Demolin (1981, p.133), o formante nasal é grande em energia e permanece ao longo de toda vogal: na palavra “*hon*” (livro): [hõN]. Já na pronúncia gravada com a professora nativa japonesa, percebeu-se que a vogal permanece oral no início e se torna nasal em seu prolongamento, como na palavra “*hon*” (livro): [hõN].

Outro fenômeno presente nos dados coletados foi a similitude. Embora não tão frequente, a palavra “*untenshu*” foi pronunciada em determinadas ocasiões como [ũdẽŋʃu], de forma que a oclusiva dental surda [t] foi substituída por sua correspondente sonora [d], influenciada pela nasal antecessora. Por não influenciar diretamente no fator fonológico da palavra, decidiu-se por não a designar como variável. No entanto, esta anotação é deixada aqui para futuros debates.

Variáveis intralinguísticas no grupo 1

Nas palavras do primeiro grupo foram considerados as seguintes questões: a) participantes que não pronunciaram a nasal; b) participantes que nasalizaram o som /eN/ como [ẽĩN]; e c) participantes que pronunciaram o som nasal de duração curta, como em /ã/ /ẽ/ /ĩ/ /õ/ e /ũ/.

Ausência de nasal em palavras com fonema /N/

A ausência de pronúncia do fonema nasal /N/ pode influenciar no significado da palavra, como apontou-se no ponto 3.3.2. Nesta variante, considerou-se a ausência do som

nasal fonológico do fonema /N/ em final de sílaba, mas não em final de palavra. Isto pois em final de sílaba não há influência de consoantes seguintes. Sendo assim, nas palavras “*nannin*” e “*ningen*” somente se considerou a primeira mora para análise. A tabela a seguir exibe a quantificação feita com os dados coletados, na qual o termo N.P se refere ao número de participantes e N.O ao número de ocorrências:

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>minna</i>	6	0	6	0	5	0	5	0	6	0
<i>ningen</i>	6	0	6	0	5	0	5	1	6	0
<i>untenshu</i>	6	1	6	1	5	1	5	2	6	0
<i>ongaku</i>	6	0	6	0	5	0	5	1	6	0
<i>nannin</i>	6	0	6	0	5	0	5	0	6	0
<i>man'naka</i>	6	1	6	0	5	0	5	0	6	0

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Como pode ser observado na quantificação acima, nas palavras “*minna*” e “*nannin*” não houve ausência de nasalização, seja como nasal fonológica ou como nasal fonética, sugerindo que a presença da consoante /n/ no início da mora seguinte influencia na vogal anterior. Na palavra “*ningen*” houve somente uma ocorrência de não nasalização de vogal, na turma de Língua Japonesa VIII. Esta ocorrência pode ser influência da mora seguinte, que também possui o fonema /N/. Este mesmo fenômeno ocorre na primeira mora da palavra seguinte, “*untenshu*”, sugerindo que a presença do fonema /N/ em duas moras seguidas na mesma palavra tende a cancelar a presença da primeira nasal para que a segunda possa ser pronunciada, visto que as vogais presentes em “*ningen*”, [i] e [e], e em “*untenshu*”, [u] e [e], por terem suas correspondentes nasais com F1 maior, precisam de energia de ar contínua para pronunciar a nasal /N/.

Quanto à palavra “*ongaku*”, também foi percebida somente uma ocorrência da pronúncia sem nasal /N/, novamente na turma de Língua Japonesa VIII, desta vez podendo ser considerado um evento isolado, relacionado a leitura. Já com a palavra “*man'naka*” houve uma ocorrência de não nasalização na turma de Introdução à Língua Japonesa. O fator influenciador pode ser o pouco contato dos participantes com a palavra, por se tratar do primeiro período, já que não houve ausência de pronúncia de nasal /N/ nas demais turmas.

Pronúncia de nasal curta

No âmbito desta variável fonológica, considerou-se a presença da nasal somente sobre a vogal, sem pronúncia de consoante nasal /N/, tornando a nasalização de duração curta, no valor de uma mora. Quanto a essa variante, a tabela 10 expõe a quantificação de dados:

Tabela 10: Pronúncia de nasal curta em local de fonema /N/ em primeira mora

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>minna</i>	6	1	6	1	5	0	5	1	6	0
<i>ningen</i>	6	3	6	1	5	2	5	1	6	1
<i>untenshu</i>	6	0	6	0	5	0	5	1	6	0
<i>ongaku</i>	6	0	6	0	5	0	5	1	6	0
<i>nannin</i>	6	1	6	1	5	0	5	1	6	0
<i>man'naka</i>	6	0	6	0	5	0	5	0	6	0

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Os dados consolidados permitem afirmar que, quanto a palavra “*minna*”, há uma maior frequência de ocorrência de nasais curtas na pronúncia do fonema /N/, assim como em “*ningen*” e “*nannin*”, nas moras que possuem /i/ como núcleo de sílaba. Este fenômeno sugere uma associação do falante manauara, já que a LP, como língua acentual, possui diferentes durações de sílabas da mesma palavra quanto a intensidade, altura e duração. Por esta razão, nas palavras “*ningen*” e “*nannin*” foi percebida uma duração menor nas moras /niN/ pela intensidade sobre as moras também ser menor, se comparadas as moras /geN/ e /naN/. Já na palavra “*minna*”, embora a mora acentuada pelos falantes manauaras tenha sido /miN/, houve nesta também uma menor duração, provavelmente relacionado a palavra “*mina-san*”, considerando que os participantes pareciam confundir com determinada frequência tanto a escrita quanto pronúncia das palavras.

Na palavra “*untenshu*” não houve frequentes ocorrências de nasal curta, ocorrendo raramente na mora /uN/. Este episódio pode ter sofrido influência também da natureza acentual da língua portuguesa, já que o falante pôs determinada intensidade na mora /teN/. A palavra “*ongaku*” também não se mostrou frequente quanto ao fenômeno, mas não houve intensidade maior nas outras moras da palavra por parte do falante. Quanto a palavra “*man'naka*”, não houve ocasião de pronúncia de nasal curta, com a mora inicial /maN/ sendo frequentemente pronunciada como a mora acentuada (em intensidade).

Pronúncia de /eN/ como [ẽĩN]

Outro caso a respeito do qual esta pesquisa buscou coletar material é quanto a pronúncia de /eN/ por parte dos falantes manauaras. Os achados consolidados transmitem que este contexto se reproduz numa variável no falar manauara, ocorrendo como [ẽĩN]. Quanto a essa variante, a tabela 11 expõe a quantificação de dados em relação as duas palavras que possuem a mora /eN/:

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>ningen</i>	6	5	6	6	5	4	5	4	6	4
<i>untensbu</i>	6	2	6	2	5	2	5	4	6	1

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Como apontado na quantificação acima, há uma frequente ocorrência da pronúncia de /eN/ como [ẽĩN] na palavra “ningen”, influenciada talvez pela associação com a pronúncia da palavra “ninguém” em português. Isto ocorre pois, como explica Cagliari (1997, p. 28), os monotongos /i, e, o, u/, quando antecedem a consoante nasal /N/ tendem a serem realizados como dígrafos, como no próprio exemplo “ninguém”: [nĩ.gẽĩŋ]. Dessa forma, o falante manauara, ao pronunciar a palavra em japonês, associando ao monotongo “guen” acrescenta a vogal [ĩ]. O mesmo ocorre na palavra “untensbu”, porém em menor escala, provavelmente por não haver associação direta com alguma palavra da língua portuguesa.

Variáveis intralinguísticas no grupo 2

Ao analisar as palavras do grupo 2, se observou as questões subsequentes: a) ocorrência de prolongamento das vogais na nasalização; b) participantes que nasalizaram a vogal /i/ em posição de núcleo de sílaba em início de palavra; c) participantes que, ao nasalizar, colocaram maior acentuação de intensidade na sílaba, tornando-a tônica; e d) participantes que não pronunciaram nasal.

Vogais nasais longas em nasalização automática

No âmbito desta variável fonológica, considerou-se a presença da nasal automática na vogal precedida de consoante nasal /m/ ou /n/ em sílaba seguinte, com duração longa de

maneira que possa ser compreendida como produção de consoante nasal final /N/. Quanto a essa variante, a tabela 12 expõe a quantificação de dados:

Tabela 12: Vogais nasais longas em nasalização automática

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>kami</i>	6	3	6	1	5	0	5	1	6	0
<i>atama</i>	6	1	6	2	5	0	5	1	6	0
<i>ume</i>	6	0	6	0	5	0	5	0	6	0
<i>hiragana</i>	6	0	6	0	5	2	5	1	6	0
<i>ima</i>	6	0	6	0	5	0	5	1	6	1
<i>omoi</i>	6	0	6	0	5	0	5	0	6	0
<i>namae</i>	6	1	6	0	5	0	5	2	6	0
<i>minasan</i>	6	0	6	0	5	1	5	0	6	0
<i>nani</i>	6	3	6	1	5	0	5	2	6	1

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Os dados consolidados permitem afirmar que há presença quase o totalmente nula de nasal longa nas palavras “*ume*”, “*ima*”, “*omoi*” e “*mina-san*”. Em “*ume*” observou-se uma frequente pronúncia da vogal /u/ como extensão da consoante seguinte /m/, gerando o resultado [mme], apresentado por Joko (2012), de forma que não há um prolongamento da vogal nasal [ũ]. Já na palavra “*ima*” e “*mina-san*”, assim como no ponto 5.1.1.b, as vogais [i], embora nasalizadas, não possuem grande duração. Quanto a palavra “*omoi*”, como será discutido no ponto 5.1.2.d, não há pronúncia de nasal na vogal sucedida de consoante nasal /m/, de maneira que também não há prolongamento.

Nas palavras restantes, há predominância de nasalização da vogal [a]. Nas palavras “*hiragana*” e “*namae*” não há muita frequência desta variável, ocorrendo geralmente quando a acentuação ocorre na mora nasalizada. Embora na palavra “*atama*” o padrão de ocorrência seja um pouco maior que as duas anteriores, a variável sugere ocorrer pela mesma razão: acentuação na mora nasalizada. Quanto às palavras “*kami*” e “*nani*”, há uma frequência maior de ocorrência de nasal prolongada, possuindo, as duas, acentuação de intensidade na primeira mora por parte do falante manauara. No entanto, esse prolongamento ocorre como explicado no ponto 5.1: em toda extensão da vogal, sem queda considerável da consoante nasal final /N/.

Nasalização de vogal /i/ como núcleo de sílaba em início de palavra

Outro caso sobre o qual esta pesquisa buscou coletar material diz respeito à pronúncia da vogal /i/ como núcleo de sílaba em início de palavra por parte dos falantes manauaras. Os achados consolidados transmitem que este contexto se reproduz numa variável no falar manauara, possuindo tendência a ocorrer sob a forma de nasalização. Quanto a essa variante, a tabela 13 expõe a quantificação de dados em relação as duas palavras que possuem a mora /i/ em início de palavra:

Tabela 13: Nasalização de vogal /i/ como núcleo de sílaba em início de palavra

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>ima</i>	6	6	6	5	5	5	5	5	6	4
<i>minasan</i>	6	3	6	4	5	1	5	0	6	4

Fonte: FIGUEIRA, 2019

A quantificação do material colhido, exposta na tabela acima, apontou para o fato de que as palavras “*ima*” e “*mina-san*” possuem tendência a ocorrer uma nasalização na vogal /i/ em início de palavra. Martins (2018, p. 83) afirma que esta variável ocorre, na língua portuguesa, por haver ausência de par mínimo [i/i] neste contexto, não ocorrendo com as demais vogais. Na primeira palavra há uma maior frequência, ocorrendo em todos os grupos de participantes, enquanto na segunda em determinados grupos não há ocorrência. Por /i/ estar isolada como único som da primeira mora na palavra “*ima*”, esta ocorrência se dá pela ausência de outro fator determinante além da consoante /m/ presente na mora seguinte. Já em “*mina-san*”, a ocorrência passa a depender da decisão do falante no momento de acentuar a mora, de forma que, quando acentuada, passa a ter um menor, ou quase nulo, grau de nasalização, pela energia utilizada para pronúncia.

Acentuação em mora nasal

No contexto desta variável, considerou-se a presença de acentuação (quanto à intensidade) nas moras nasalizadas automaticamente. Esta variável pode influenciar tanto na naturalidade do falante quanto na significação de determinadas palavras, como aponta Joko (2012), que a interferência diminui no nível dos fonemas com o avanço no aprendizado da língua, mas em níveis relacionados a prosódia, os desvios aumentam, principalmente quanto

as palavras de classe fonológica¹². Quanto a este ponto, a tabela a seguir expõe os seguintes resultados:

Tabela 14: Acentuação de intensidade em mora nasal

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>kami</i>	6	6	6	6	5	1	5	2	6	4
<i>atama</i>	6	5	6	0	5	2	5	1	6	3
<i>ume</i>	6	2	6	1	5	2	5	1	6	1
<i>hiragana</i>	6	1	6	4	5	1	5	4	6	3
<i>ima</i>	6	5	6	3	5	2	5	0	6	3
<i>omoi</i>	6	3	6	0	5	0	5	0	6	0
<i>namae</i>	6	2	6	0	5	1	5	0	6	0
<i>minasan</i>	6	2	6	1	5	1	5	0	6	2
<i>nani</i>	6	4	6	5	5	3	5	0	6	2

Fonte: FIGUEIRA, 2019

Como aponta a tabela, a grande maioria das palavras analisadas possuem a mora nasal com acentuação de intensidade, sugerindo não só uma dificuldade na compreensão da articulação ao pronunciar, como também uma tendência a acentuar a mora nasalizada. Nas palavras nas quais mais ocorre, “*kami*” e “*nani*”, há também um prolongamento da vogal. Nas demais palavras sugere haver uma ligação entre a acentuação e a nasalização longa, de forma que as nasais menos nasalizadas não possuem também frequentes ocorrências de forte acentuação. A palavra “*omoi*” possui acentuação quase nula na vogal inicial /o/ e, portanto, tendência a não ser nasalizada. No caso específico desta palavra, há uma tendência a acentuação de intensidade na mora /mo/.

¹² Sobre isto, a autora explica que essa classe de palavra, diferente da classe de palavras morfológicas, se identifica pela presença de acento, utilizando como exemplos as palavras “*Burajiria*” e “*daidaku*” que, separadas, possuem seu próprio núcleo tonal (última mora de altura tônica na palavra) mas ao serem pronunciadas juntas, “*Burajiria Daigaku*”, tem-se uma palavra fonológica com específica acentuação. Esta regra influencia tanto na enunciação quanto na compreensão auditiva quanto a natureza da palavra.

Não nasalização automática de vogal

Nesta variável, considerou-se a ausência do vogal nasal fonética na presença de consoantes nasais /m/ e /n/ na mora seguinte. Esta variável, mesmo não sendo um fator fonológico, é apresentada como ponto a ser discutido pela frequência de ocorrência, como pode ser observado na tabela 15, a seguir:

Tabela 15: Não ocorrência de nasalização automática

	G1		G2		G3		G4		G5	
	N.P	N.O								
<i>kami</i>	6	0	6	0	5	2	5	1	6	0
<i>atama</i>	6	0	6	1	5	0	5	0	6	0
<i>ume</i>	6	2	6	2	5	1	5	3	6	1
<i>hiragana</i>	6	2	6	0	5	1	5	0	6	1
<i>ima</i>	6	0	6	1	5	0	5	0	6	1
<i>omoi</i>	6	3	6	5	5	5	5	5	6	6
<i>namae</i>	6	3	6	4	5	3	5	2	6	4
<i>minasan</i>	6	1	6	2	5	4	5	3	6	0
<i>nani</i>	6	0	6	0	5	1	5	1	6	1

Fonte: FIGUEIRA, 2019

A quantificação do material colhido, exposta na tabela acima, apontou para a pouca ocorrência de não nasalização comparada a um falante nativo japonês, sugerindo que, na língua portuguesa, “toda vogal diante de nasal, portanto, pode ser nasalizada completamente, parcialmente ou pode não ser nasalizada de todo” (CAGLIARI, 1981, p. 87). Desta maneira, analisa-se aqui as palavras nas quais não ocorre o fenômeno de nasalização com regularidade.

Na palavra “*ume*” não ocorre nasalização de vogal quando o falante manauara, ao pronunciar a vogal /u/, articula de maneira que a seja pronunciada a vogal arredondada [u]. Em casos raros, a nasal é ausente ao acentuar a mora /u/. Na palavra “*mina-san*”, a ausência de nasalização ocorre na acentuação da mora /mi/, como apresentado no ponto 5.1.2.b.

Na palavra “*namae*”, a não nasalização de vogal se realiza com frequência, assim como na palavra “*omoi*”. Nestas duas variáveis foi percebido um contexto contrário as analisadas anteriormente: a ausência de nasal ocorre ao pronunciar as primeiras moras, /na/ em “*namae*” e /o/ em “*omoi*”, como átonas, colocando maior acentuação nas moras seguintes.

A influência das variáveis extralinguísticas

Este trabalho assumiu os termos “extralinguísticos” e “extrassistêmicos” para referenciar ao conjunto de aspectos sociolinguísticos listados como princípios teóricos-metodológicos da pesquisa desenvolvida. Os pontos levantados por Martins (2018) não foram fortemente julgados como variáveis por haver um padrão entre o grau de escolaridade e faixa etária dos alunos, além de haver mais participantes de gênero feminino. No entanto, será feito aqui algumas observações quanto às variáveis apresentadas pela autora: como apontado no gráfico 1 (MARTINS, 2018, p. 87), há uma maior ocorrência de nasalização em pessoas com a faixa-etária de 45 anos para cima, fato não observado na análise de dados feita no ponto 5.1, com o único participante da segunda faixa-etária tencionando a não nasalizar automaticamente antes de consoante nasal /n/ ou /m/ em sílaba seguinte. Quanto ao grau de escolaridade, percebeu-se que os participantes que iniciaram seus estudos na universidade com maior idade, a partir dos 25 anos, possuíam maior tendência a produzir nasalização automática.

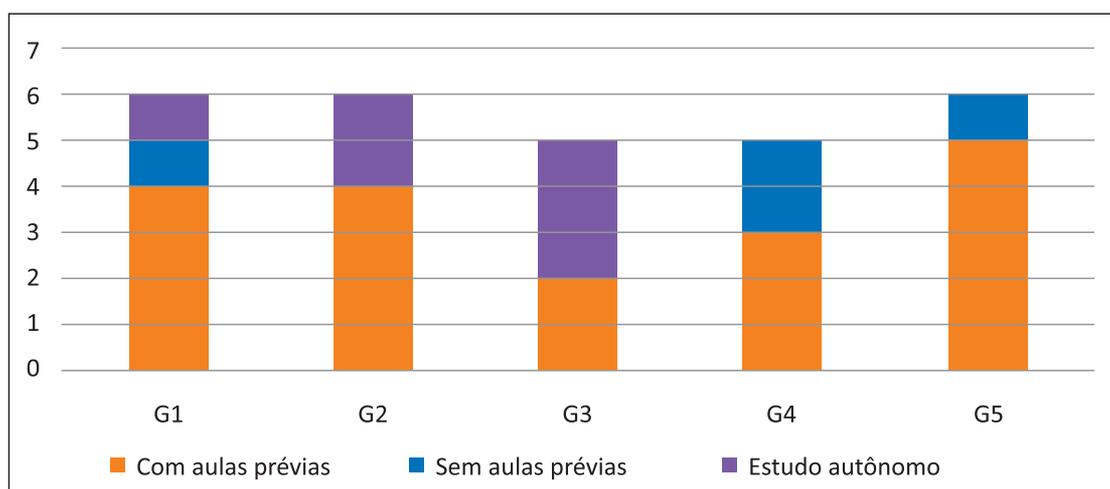
Outra questão considerada foi a prática contínua ao curso tanto em conversação quanto em compreensão auditiva dos participantes fora de sala de aula, através de experiências que afirmaram ter, como conversa com colegas fora de sala de aula, redes sociais ou aplicativos de conversação, formas de entretenimento (como *talkshows*, animes, séries ou jogos), entre outros específicos, como trabalho e programas extracurriculares. Quanto aos resultados analisados, se chegou à seguinte conclusão de que, embora a maioria dos participantes possuam alguma prática externa a sala de aula, o nível dos participantes parece influenciar nesses fatores e não o contrário, de forma que a prática se torne prejudicial por não haver um mediador com maior conhecimento da pronúncia. Por exemplo, observa-se que no grupo 1 a prática através da conversação com colegas fora de sala de aula é maior, mas há uma maior frequência de nasalização de influência fonológica, enquanto no grupo 5 não há muitas variedades de prática de conversação e compreensão auditiva, mas também não há consideráveis ocorrências de cunho fonológico, pelos participantes possuírem maior tempo de estudo tanto dentro do curso quanto através de estudo prévio.

Sendo assim, esta seção está dividida da seguinte maneira: a. influência do tempo de estudo prévio; b. influência do estudo simultâneo em cursos externos; c. influência da periodização dos participantes. Estas variáveis serão consideradas quanto a influência nos pontos 5.1.1.b e 5.1.2.a, por serem os pontos nos quais há maior influência fonológica.

Influência do estudo prévio

Nesta variável, considerou-se a influência do estudo prévio de língua japonesa. Para esta quantificação, considerou-se como estudo prévio somente as situações que envolviam cursos de língua japonesa, em instituições ou programas de ensino como Centro de Ensino de Línguas (CEL) da UFAM ou a Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental – NI-PPAKU. Também foi computado os participantes que fizeram estudo autônomo, através da internet ou impressão de materiais didáticos. Observa-se a quantificação de dados no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: Variável de estudo prévio



Fonte: FIGUEIRA, 2019

Como pode ser observado no gráfico acima, há um maior número de participantes que estudaram em alguma instituição de ensino de língua japonesa antes de ingressar ao curso de licenciatura da UFAM, exceto pelo grupo 3, alunos de Língua Japonesa VI, onde há uma maior quantidade de alunos que estudaram por conta própria. Comparando os resultados no gráfico com os expostos na tabela 9, é constatado uma considerável quantidade de ocorrência de menor nasalização do fonema final /N/ entre os alunos que possuem um estudo de LJ anterior ao ingresso no curso, exceto pelos alunos do grupo 1, pela maioria dos alunos terem estudado por pouco tempo ou possuir um grande intervalo de tempo sem estudar antes de ingressar ao curso.

Quanto ao grupo 3, a grande quantidade de participantes que estudaram autonomamente não parece influenciar na pronúncia da consoante final /N/, ocorrendo somente duas

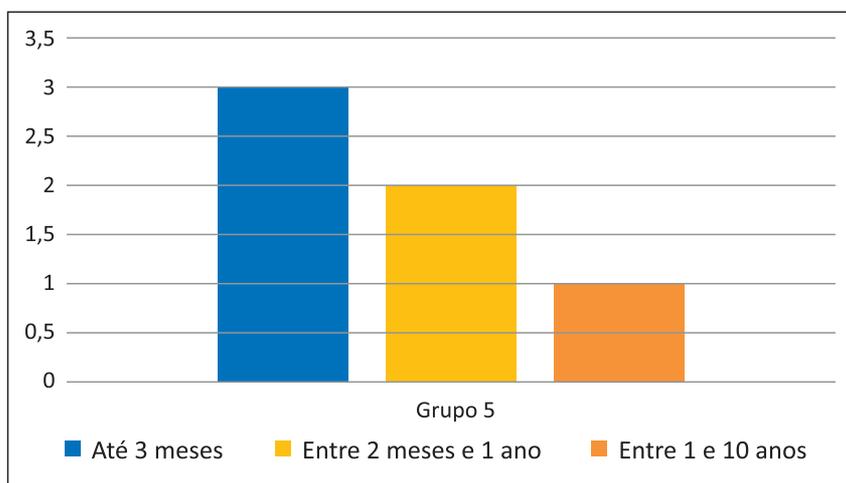
vezes, já discutidas no ponto 5.1.1.b. Já no grupo 4, disciplina de Língua Japonesa VIII, no qual ocorre com maior frequência a não nasalização no local de fonema /N/ e a nasalização curta, há também um equilíbrio entre os participantes que estudaram anteriormente e os que iniciaram os estudos na universidade, com dois dos cinco se encaixando no segundo tipo.

No que se refere ao ponto 5.1.2.a, a pronúncia longa de vogais em fenômeno de nasalização automática demonstra ter relação com o estudo prévio dos participantes, ocorrendo em grande parte nas disciplinas nas quais a média de alunos que estudaram japonês pela primeira vez ao ingressar no curso ou estudaram sozinhos.

Influência do contato direto com a língua japonesa através de intercâmbio, visita ou vivência no Japão

No contexto desta variável, foi considerado o contato direto com a língua japonesa dos participantes, com base em viagens ao Japão, seja para morar, intercâmbio ou somente visita. Para isto, optou-se por analisar somente os participantes do grupo 5. Quanto a este ponto, os gráficos a seguir expõem os seguintes resultados:

Gráfico 3: Contato direto com a língua japonesa através de intercâmbio, visita ou vivência no Japão



Fonte: FIGUEIRA, 2019

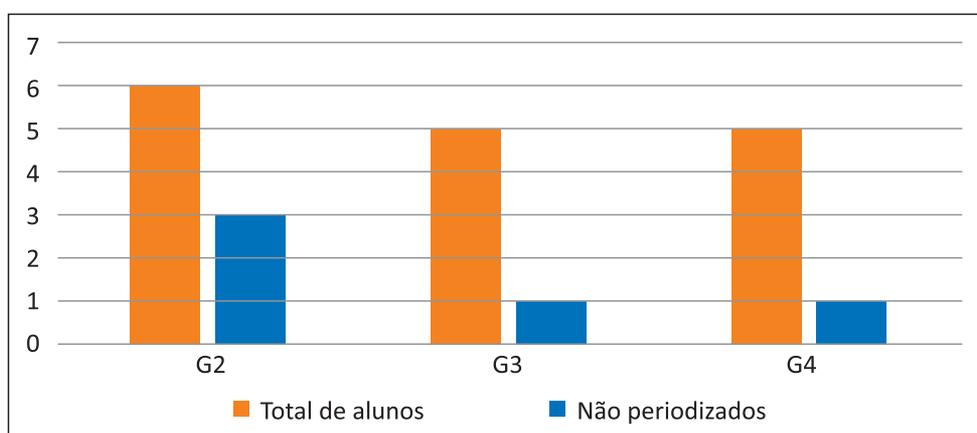
Como pode ser observado acima, a maioria dos participantes passou menos de 3 meses no Japão, sendo que somente dois passaram entre 3 meses e 1 ano e somente um participante viveu no país entre 1 e 10 anos. Comparando com os resultados das tabelas 7 e 9, os casos

de nasalização com influência fonológica ocorrem no primeiro subgrupo, comprovando que este contato com a língua, em longa escala, tende a corrigir possíveis erros de pronúncia, assim como as variações das vogais nasais pronunciadas.

Influência da periodização dos participantes

Outro caso sobre o qual esta pesquisa buscou coletar material diz respeito à influência da periodização, considerando a quantidade de ocorrências relacionadas aos participantes periodizados e aos não periodizados. Deve-se considerar nesta variante que os alunos que reprovam nas disciplinas de língua japonesa, ou decidem trancar, podem somente reiniciar os estudos na mesma disciplina um ano depois, quando for novamente ofertada. No entanto, desconsiderou-se os grupos 1 e 5, já que no primeiro todos os participantes são ingressantes no grupo, e no segundo os participantes não periodizados trancaram para fazer intercâmbio no Japão. Quanto a essa variante, o gráfico 4 expõe a quantificação de ocorrências em relação a essas duas variáveis:

Gráfico 4: Relação de alunos periodizados



Fonte: FIGUEIRA, 2019

Como pode ser observado no gráfico anterior, há um maior número de participantes não periodizados no grupo 2, disciplina de Língua Japonesa IV, sendo que todas as ocorrências do ponto 5.1.1.b são por parte deste subgrupo de participantes. Quanto ao grupo 4, a maioria dos casos de nasalização curta em posição de consoante nasal final /N/ ocorreram com o único participante não periodizado. Estes resultados indicam que os participantes

não periodizados tendem a regredir ou estagnar nos estudos, incidindo assim numa maior frequência dos fenômenos mencionados no ponto 5.1.1.b e 5.1.2.a.

Considerações finais

A presente pesquisa se dedicou a abordar a nasalização considerando seu caráter variável no campo do PB, adotando como base os estudos de Botelho (2007), Cagliari (1977) e Martins (2018) sobre o processo de nasalização da língua, com enfoque na variável do falante manauara e como influencia no processo de aquisição da língua japonesa. Para isto, primeiramente se iniciou uma pesquisa comparativa dos sons e fonemas das duas línguas, para então aplicar questionários e entrevistas gravadas com os alunos de língua japonesa nascidos em Manaus ou em municípios próximos da capital. As análises foram feitas com o auxílio do *software Praat* e quantificadas pelo *Excel*.

A análise dos materiais coletados resultou em duas vertentes de interpretação dos dados: intralinguística, que avaliou os dados do ponto de vista do sistema da linguística acústica, considerando o som nasal em comparação com os demais segmentos sonoros, além dos diferentes graus de nasalização produzidos; extralinguística, observando a execução da variável de acordo aos processos sociais que podem interferir nos sistemas linguísticos.

Sendo assim, a primeira vertente de análise indicou que a variável, quando em posição de fonema nasal final /N/, é realizado com nasal, por possuir valor fonológico, mas não possui uma longa duração, ocorrendo em determinadas palavras como nasal curta. Quanto as vogais seguidas de consoante nasal /m/ e /n/, possuem tendência a se realizarem como nasais, sendo que o sentido somente se altera na pronúncia longa das nasais, não tão frequente nas análises.

Outra questão levantada nesta vertente é a pronúncia das vogais tônicas, que, na pronúncia do nativo japonês é marcada pela altura, enquanto nos falantes de PB percebe-se uma maior duração, altura e intensidade. Este fator indica influenciar na variável de nasalização automática, optando pela tonicidade na sílaba nasalizada, tornando-a mais longa e forte em energia. Analisado em longa escala, a forte intensidade realizada pelo falante manauara pode influenciar quanto a naturalidade da fala de LJ, assim como na compreensão auditiva de determinados fonemas, como /Q/ e o nasal final /N/.

Quanto aos fatores extralinguísticos, as reflexões a respeito dos dados coletados levaram a concluir que: o estudo prévio ao ingresso no curso é um fator influenciador na prática tanto de pronúncia quanto de compreensão auditiva; os participantes do grupo 5

que possuem maior tempo de imersão no Japão possuem menor tendência a nasalizar automaticamente as vogais sucedidas de consoantes nasais /m/ e /n/; os participantes com periodização irregular possuem maior tendência a pronunciar as moras de fonema nasal /N/ com curta duração.

Sendo o curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas uma licenciatura, durante todo o período acadêmico é desenvolvido o conhecimento de língua, cultura e literatura japonesa dos estudantes no papel de futuros professores de LJ, procura-se um bom desenvolvimento das habilidades de comunicação dos discentes. Sendo assim, são necessárias discussões sobre os fatores fonético e fonológicos para que haja um melhor desempenho ao auxiliar em sala de aula.

Com os resultados analisados tanto nos sistemas intralinguísticos quanto nos extralinguísticos, é percebida uma ausência de discussões sobre esta área da linguística dentro do curso de Língua Japonesa da UFAM, de forma que os discentes não consigam desenvolver suas habilidades com qualidade no decorrer da graduação. Este fato foi apontado principalmente ao compararmos as ocorrências de nasalização de fator fonológico dos participantes que estudaram previamente LJ com os alunos que iniciaram seus estudos na UFAM, possuindo os últimos a maior tendência a não compreender ou produzir determinados equívocos.

Da mesma forma foi reparado que a leitura também é um elemento influenciador na pronúncia de LJ. A análise feita das entrevistas demonstra que, mesmo com a prática contínua no decorrer da graduação, os participantes ainda possuíam dificuldade em ler em japonês, mesmo quando se tratava da escrita fonográfica *hiragana*, primeira escrita trabalhada ao ingressar no curso. Estes resultados geram discussões quanto a forma como é praticada a leitura e escrita dos discentes do curso. Enfatiza-se aqui, no entanto, que a quantidade e variedade de amostras, embora suficientes, podem chegar a resultados mais abrangentes e exatos se forem em maior número.

A pesquisa científica nunca se esgota, apontando para novas perspectivas de abordagem do objeto estudado. Ao término do presente trabalho, é possível identificar outras possibilidades de investigação tanto da nasalização variável, de cunho fonológico ou fonético entre línguas, quanto dos demais sons da língua japonesa em contraste com a língua portuguesa falada em Manaus, como, por exemplo, a variante [ỹ] na pronúncia dos fonemas /nya/ /nyu/ e /nyo/ de LJ. Também há a possibilidade de fazer um estudo mais aprofundado nas variações linguísticas no Japão em comparação com as do Brasil.

Referências

BARBOSA, Lenise Pereira; UNIVERSIDADE DO AMAZONAS. *Fonologia: a fala amazônica e sua influência no ensino de inglês*. Manaus, AM: Ed. da Universidade do Amazonas, 1995. 199 p.

BOTELHO, José Mario. *A nasalidade das vogais em português*. In: SOLETRAS (UERJ), Rio de Janeiro, 2007, v. Único, p. 55-63. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4717/3480>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CAGLIARI, L. C. *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. 320 f. Tese (Doutorado) - University of Edinburgh, Edinburgo, 1977. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/35957537_An_experimental_study_of_nasality_with_particular_reference_to_Brazilian_Portuguese_microform>. Acesso em: 4 dez. 2018.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. 194 p. Tese (Livre-Docência) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 1981-1982. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268979>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FUCHS, C. Y. M. *Interferências fonológicas nos falantes bilíngues do português e do japonês: fatores sócio e psicolinguísticos*. 207 p. Dissertação (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 1995-1996. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24425/D%20-%20FUCHS%20de%202018,%20CRISTINA%20YUKIE%20MIYAKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

GARCIA, M. S. *Alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/: evidências da modalidade oral no texto escrito*. In: Intertexto. Uberaba, v. 9, 2017, p. 1-16. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/324550678_ALCAMENTO_DAS_VOGAIS_PRETONICAS_e_E_o_EVIDENCIAS_DA_MODALIDADE_ORAL_NO_TEXTO_ESCRITO>. Acesso em: 14 dez. 2018.

JOKO, Alice T. *Análise constrativa dos sistemas fonológicos do japonês e do português: subsídios para o ensino de japonês para falantes do português do Brasil*. 1987. 130 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 1987.

JOKO, Alice T. *Repensando o ensino de fonologia num curso de formação de professores de língua japonesa*. In: Mukai, Y; Joko, A.T; Pinheiro, F.. (Org.). *A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem*. 1ªed., 2012, v. 1, p. 173-203.

MARTINS, Joyce Camila. ***A nasalização variável de vogais na fala manauara***. 2018. 104 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

MEDEIROS, B. R. de; DEMOLIN, Didier. *Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM*. Revista da ABRALIN, v. V, 2006, pp. 131-142.

MENDONÇA, Ana Maria Santos; OLIVEIRA JR., Miguel; COSTA, J. F. *Processo de nasalização automática em uma variedade do português falado no Recife*. In: Revista do GELNE, v. 19, n. 2, p. 146-158, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/12135>>. Acesso em: 1 set. 2018.

NASCIMENTO, Cíntia Rios do. *Influência do romaji na pronúncia de japonês: um estudo sobre o impacto da escrita romanizada na pronúncia de língua japonesa*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Brasília, Brasília: 2016-2017. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/19199>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

PALUMA, V. C. G. *A interferência da língua materna (português brasileiro) no aprendizado de língua estrangeira (francês)*. In: VII SEPELLA – Seminário de pesquisa em linguística e linguística aplicada, Uberlândia – MG, 2009, v.1, p. 97-103. Disponível em: <<https://ssl4799.websitese-guro.com/swge5/seg/cd2009/PDF/IC2009-0244.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Tháís Cristóforo. ***Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios***. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 261 p.

Recebido em: 19/1/2020.

Aprovado em: 20/1/2020.